

A América Latina vista por Seleções

Maria Claudia Coelho

*Ao sul do Rio Grande – Imaginando a América Latina
em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)*

*Mary Anne Junqueira
Bragança Paulista, EDUSF, 2000.*

A revista *Seleções* – versão para o português do *Reader's Digest* norte-americano – ocupou um lugar importante junto ao público leitor brasileiro nas décadas de 50 e 60, disputando o mercado com a revista *O Cruzeiro*. É sobre as representações da América Latina nessa publicação que Mary Anne Junqueira volta seu interesse, buscando identificar a imagem da América Latina ali esboçada.

Algumas idéias fornecem os alicerces teóricos dessa proposta, a saber: a discussão sobre “orientalismo” proposta por Edward Said como forma de compreensão da construção das imagens do Oriente; a noção de “imaginário social”

proposta por Bronislaw Baczko, na qual se destaca sua dupla capacidade de interpretação e de valorização da realidade; e finalmente o conceito de representação tal como entendido por Roger Chartier, em que sua natureza comprometida com estratégias e práticas sociais aparece como fundamental.

É com base nesse instrumental teórico que a autora empreende sua análise das imagens da América Latina veiculadas por *Seleções*. Seu trabalho está estruturado em cinco capítulos. O primeiro é voltado para uma descrição da história do *Reader's Digest* – sua origem, produção e circulação – e de suas diversas versões produzidas para outras línguas, com atenção para os processos locais de seleção e condensação de artigos. No segundo capítulo, a autora volta sua atenção para três temas caros ao imaginário social norte-americano: as idéias de “oeste”, “wilderness” e “fronteira”, mostrando como esses temas irão mais adiante entrelaçar-se às representações sobre a América Latina.

Os três capítulos restantes são dedicados ao exame das imagens da América Latina, articuladas às preocupações políticas de contextos históricos específicos. No terceiro capítulo, a autora discute as representações acerca do território e da população latino-americanas, associadas à noção norte-americana de “wilderness”. No quarto capítulo, o foco está voltado para as representações dos diversos “inimigos” norte-americanos, nazistas em um primeiro momento, comunistas em um segundo. Finalmente, no último capítulo, a análise concentra-se nas soluções propostas para os “problemas” identificados por *Seleções* e no exame dos “tipos inesquecíveis” publicados pela revista.

As imagens da América Latina são, na visão da autora, orientadas pelo imaginário norte-americano, que associa de forma íntima e necessária o “oeste”, a “fronteira” e o “wilderness”. O tema principal de *Seleções* é a questão dos territórios, em um primeiro momento divididos em dois grandes blocos, cuja fronteira é o Rio Grande, limite natural entre os Estados Unidos e o México: acima, o norte civilizado, abaixo, o sul selvagem. Os territórios da América Latina são divididos em três grupos. O primeiro vai do México ao Panamá e é entendido como “área de oportunidades”; o segundo é a floresta amazônica, vista como “o maior território desconhecido do planeta”, e em terceiro viria a América Latina, retratada como área de população esparsa no interior e concentrada no litoral.

O destaque maior é dado à floresta tropical, investida de forte carga simbólica. A Amazônia é retratada como o último wilderness primitivo, tema que encontra receptividade no Brasil, sendo a ocupação dos espaços vazios um assunto de destaque também nas publicações locais. A Amazônia é vista como um local de natureza primitiva, capaz além de tudo de “descivilizar”, conforme mostra a história de um filho de missionários ingleses que, lá vivendo por mais de 60 anos, adere aos costumes dos “bárbaros indígenas” e aprisiona um cientista. Além disso, a Amazônia é também o local de terríveis pragas, como as “formigas

vermelhas” que haviam invadido os Estados Unidos, sendo além disso lugar de ocultação de guerrilheiros comunistas.

A visão da América do Sul é marcada pela questão do povoamento, visto como irregular, esparsa no interior e concentrada no litoral. O interesse maior é pelo interior, representado como um “vazio” – à maneira do *wilderness* – repleto de riquezas potenciais. A referência chega a ser explícita, como no relato da saga de um norte-americano que, saindo de Massachussets, encontra no Brasil “um novo El Dorado”. Esse tema também encontra ressonância nas publicações locais, a exemplo de *O Cruzeiro*, que também mostraria, a partir dos anos 40, o interior do Brasil como desconhecido.

Essa preocupação da autora em relacionar a visão de *Seleções* aos retratos apresentados por publicações nacionais permite-lhe escapar de uma armadilha comum às análises de conteúdo de produções da indústria cultural: a atribuição de um caráter unilateral ao fluxo de mensagens, em que determinados conteúdos seriam impostos de forma intencional por emissores oniscientes a receptores inocentes. Sua atenção para a semelhança no teor do tratamento dado a determinados assuntos pela imprensa nacional permite-lhe atentar para a questão da *recepção* à revista no Brasil, autorizando a sugestão de que o imaginário brasileiro acerca do interior não era assim tão distinto daquele veiculado por *Seleções*, o que, por um lado, explicaria seu enorme sucesso e, por outro, nos permitira supor a existência de setores conservadores para os quais as camadas mais pobres da população brasileira também seriam vistas como um “outro”.

No quarto capítulo, a autora mostra como essas imagens da América Latina foram imbricadas com preocupações políticas. A visão da América Latina como uma região dotada de uma população primitiva, pobre e mestiça fazia com que fosse encarada como um ambiente favorável à penetração, durante a Segunda Guerra Mundial, de alemães e japoneses, e, durante a Guerra Fria, do “inimigo” comunista. Com isso, a ênfase de *Seleções* no papel norte-americano de guardião do mundo livre e do Ocidente ameaçado torna-se ainda maior, com a revista aliando-se a Hollywood na função de construção e divulgação dessas imagens.

Com base na análise de inúmeros artigos, Junqueira elabora dois pequenos quadros-síntese das oposições que *Seleções* apresenta entre Estados Unidos e seus inimigos – nazistas em um primeiro momento, comunistas em um segundo. Na oposição entre Estados Unidos e nazismo, aos primeiros caberia a defesa do bem, representado pelo mundo cristão e pela liberdade, enquanto os segundos seriam anticristãos, associados ao mal e visando a escravização do mundo. A oposição entre Estados Unidos e comunismo não é muito diferente em seu teor geral, ainda que apresente uma configuração diversa: aqui, os Estados Unidos, além de cristãos, são humanos e estão ao lado da ordem e da saúde, enquanto os comunistas seriam ateus, desumanos e associados ao caos e à doença.

Nessa seção, a análise empreendida pela autora revela um cuidado especial: a comparação entre as edições norte-americana e brasileira da revista, capaz de revelar nuances relevantes em termos de uma teoria geral da indústria cultural. Assim é que Junqueira nos mostra, por exemplo, que, se o tom geral dos artigos publicados no Brasil falava de uma aliança entre América Latina e Estados Unidos no contexto da Segunda Guerra, em nome de um espírito da “boa vizinhança”, em artigos publicados somente nos Estados Unidos o tom podia ser outro, falando de imposições e decisões implantadas pela força. Se antes assinala que sua preocupação com a questão da recepção permitia-lhe escapar de uma visão simplista acerca de um fluxo unidirecional de mensagens, aqui essa preocupação comparativa permite-lhe fugir do problema oposto, ou seja, a suposição de uma “inocência” fundamental nos emissores, meros “veículos” do imaginário coletivo.

Finalmente, no último capítulo, em que trata das soluções propostas e dos tipos inesquecíveis, a autora nos mostra que a solução principal de *Seleções* para o “problema” da América Latina seria o desenvolvimento da classe média, “espinha dorsal da democracia”. A educação é extremamente enfatizada, conforme mostra o retrato de Oswaldo Cruz como um “tipo inesquecível”. O tipo inesquecível essencial é, como não poderia deixar de ser, o *self made man*, personificado, entre outros, pelo sertanista Bernardo Sayão. E aqui reaparece a preocupação da autora em assinalar a sintonia existente entre *Seleções* e seu público receptor, ou entre as imagens veiculadas pela revista e o imaginário no qual eram recebidas, uma vez que o sertanista é retratado de forma muito semelhante à coluna “meu tipo inesquecível”, em artigo escrito por Antonio Callado para a revista *Visão*, reforçando assim, como já foi dito, o refinamento desse tipo de análise de produções da indústria cultural.